

A IMAGEM DE UM CONSUMO DE IMAGENS

Tratar a terra com toda a precaução



"Para que a Terra permaneça humana" é, aparentemente, mais um título a juntar ao rol infindável de obras de alerta ecológico, onde se espera ouvir falar, entre outras questões e numa toada habitualmente pessimista, do esgotamento e da poluição das reservas de água doce, da erosão dos solos pela agricultura intensiva, tecendo-se considerações de índole apocalíptica acerca das ameaças ambientais globais. Pois bem, não é isso que, de facto, nos oferece este livro, apresentado como um quadro explicativo, que não faz concessões aos preconceitos mais enraizados contra a preservação ambiental e onde colaboram um filósofo, um ecólogo, e um divulgador pró-ambiental de renome. (1) Com esta conjugação de esforços, ganha em simplicidade aquilo que habitualmente nos chega com complexidade técnica, sendo-nos oferecido, de forma bastante acessível, um quadro de reflexão global sobre o lugar do Homem na natureza. Vejamos, em síntese, a argumentação expendida pelos autores.

Primeiro, tem havido uma indiscutível eficácia na capacidade ambientalmente lesiva do modelo industrial do pós-Segunda Guerra. Pense-se somente na água, cujo consumo triplicou entre 1950 e a actualidade. O exemplo do mar Aral, no sul da Rússia, desertificado pelas culturas algodoeiras (a cultura do algodão é uma das mais poluentes do mundo) é, também, sinónimo de abandono de aldeias, perda de recursos, desordenamento do território e perda de património cultural. Temos já sinais de guerras por causa da água (sur-

das ou declaradas, e Portugal e Espanha já não escapam à regra). O modelo consumista é muito exigente na produção da pasta de papel e, por outro lado, florestas inteiras são convertidas em culturas para géneros alimentícios e pastagens. Os danos marítimos ainda não estão devidamente percebidos pela opinião pública e valia bem a pena que os operadores económicos nos advertissem quanto ao significado da perda de espécies marinhas e dos respectivos recursos em geral. Por exemplo, desde os anos 50 que a indústria farmacêutica se tem vindo a interessar muito por cerca de 500 substâncias activas presentes nos organismos marinhos, e corremos o risco de comprometer esta flora e esta fauna e, conseqüentemente, de perder acesso a medicamentos mais baratos.

Segundo, noções como "biodiversidade", "direitos da natureza", "solidariedade da biosfera" e "princípio da precaução" devem ser alvo de uma pedagogia persuasiva, associada às responsabilidades que devem integrar a nossa concepção de respeito pela vida. É a diversidade que assegura a adaptação às mudanças, as crises e às catástrofes de grande e pequena amplitude. Andar a querer exigir que se instaurem milhões de processos a toda a hora, a propósito dos atentados ao direito da natureza, como sugerem os partidários da "ecologia profunda", é convidar à insensibilidade quanto à nossa inserção na preservação ambiental, à indiferença face a instrumentos preciosos como o princípio da precaução, que é uma desconfiança legítima que supõe medidas preventivas antes desta ou daquela aplicação. E dá-se um exemplo de peso. Em 1988, as autoridades sanitárias inglesas proibiram o uso de farinhas contendo proteínas de origem animal, porque havia a suspeita da existência de nexos causais entre essas farinhas e a doença das vacas loucas. As autoridades



não dispunham de todos os comprovativos científicos, aplicaram o princípio da precaução. Quando existe uma incerteza relativamente a certos riscos, o princípio da precaução exige que não se fique à espera das certezas para tomar medidas preventivas.

Terceiro, temos que nos habituarmos a transparência quando noticiamos ou informamos acerca de tecnologias novas, sem escamotear os prós e os contras: é o que se está a passar nos debates em torno das plantas transgénicas ou dos organismos geneticamente modificados. Os OGM aparentam ser mais "limpos", os seus fabricantes afirmam que a sua comercialização poderá contribuir para alimentar melhor a população mundial, mas procuram-se iludir os impactos ambientais decorren-

tes destes genes de resistência; cresce que não está comprovado que não se irá constituir numa ou duas empresas uma apropriação privada de um património mundial, que é o das sementes.

Quarto, convirá institucionalizar o princípio da precaução e saber associar os efeitos da globalização, entroncando as vertentes do comércio mundial, com as da saúde pública e as da preservação ambiental. Como se sublinhou atrás, o princípio da precaução é uma barreira ao optimismo tecnológico restrito. Ao contrário do que propalam alguns promotores pró-ambiente, o risco nulo não existe. Só que, com a dinâmica de "artificialização", é graças à precaução, que se poderão evitar especulações absurdas por parte de certos investigadores.

Quinto, é tempo de por cobro à pedagogia do medo, que acaba por nos desviar da nossa responsabilidade em promover um debate sério com os pises em desenvolvimento. É no Terceiro Mundo que se encontra a maioria dos agricultores doentes por causa dos pesticidas que são manipulados em condições de absoluta insegurança. Temos que ter uma cidadania do ambiente, o mesmo é dizer que as medidas pró-ambientais têm que ser criteriosamente inseridas no quotidiano do desempenho dos departamentos governamentais.

Sexto, podemos produzir de modo mais durável sem aumentar o desemprego. Os especialistas estão de acordo que é mais vantajoso conceber produtos que durem o mais tempo possível. Nesta acepção, o emprego processar-se-ia muito mais em torno da manutenção, ou seja, expandir-se-ia a "indústria de serviços". Sairíamos da rotação extremamente rápida de produtos sem termos de renunciar ao crescimento do capital. Está em jogo uma mudança de mentalidades, por forma a que se possam fundir os ecossistemas industriais num ecossistema planetário. A técnica voltaria a ser aquilo que imita a natureza. É-nos permitido acalentar a esperança, pois prevenir garante uma preservação mais económica e eficaz do que andar a remediar, com o descrédito público que, a um desastre ecológico certamente advirá um outro, ainda mais oneroso - e nós queremos que a Terra permaneça humana.

A ilustração é de René Zwaga e fala-nos de uma criança que plana na estratosfera, decifrando as fragilidades do Planeta Azul e convidando-nos a cuidar do futuro.

(1) "Para que a Terra permaneça humana", por Nicolas Hulot, Robert Barbault e Dominique Bourg, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1999.

Falar de vinho

EMILIO PERES *

Há logo quem pense em bebedeira, alcoolismo crónico, cirrose, cancro do fígado, acidentalidade viária e outras desgraças. Dá-se força à relação de álcool com drogas. As deficiências psíquicas e estruturais de filhos de alcoólicos são alarmantes, etc.

Esta visão tem a ver com os comprovados malefícios do abuso de qualquer bebida alcoólica, que não se ficam pelos referidos.

Em contraste, a elegante moda de promover o vinho pelo gozo dos sentidos relacionado com o sabor, o cheiro, a textura, o corpo, o colorido, qualidades válidas em si e pelo quanto realçam o prazer da comida.

Em paralelo, explode a publicidade das bebidas alcoólicas, que não se importa muito pelas qualidades do que propaga; importa-se em criar mitos: estar na moda e ser jovem, melhorar imagem e ter êxito, etc.

Em que ficamos? Nenhum destes discursos é a verdade porque todos têm parte da razão. A verdade está em quatro partes, cada uma delas verdadeira desde que aceite a verdade das outras três.

Primeira parte da verdade: Qualquer ingestão, seja de que bebida for, que eleve a concentração sanguínea de álcool acima da capacidade desintoxicante normal do organismo, reclama a intervenção imediata de outros sistemas enzimáticos que, por isso, deixam de cumprir as suas próprias funções. Em consequência, vários processos vitais sofrem: De forma transitória, quando o excesso de bebida é isolado. De forma crónica, com cada vez mais doença até à morte, quando o excesso é permanente.

Segunda parte da verdade: Venha de que bebida vier, a ingestão moderada de álcool que não ultrapasse, por refeição, 18 gramas no homem de 70 quilos, e 13 na mu-

lher de 55, possui, pelo menos, três virtudes: favorece a digestão, tranquiliza, e reduz a incidência de doença isquémica cardíaca.

Que um "digestivo" faz bom estômago; que um copito anima a alma e solta a palavra; e que os americanos lançaram a ideia de um medal de uísque "fazer bem às artérias"... é tudo verdade.

Terceira parte da verdade: Nos anos 70, aparecem os primeiros trabalhos de investigação que atribuem ao consumo regular de quantidades muito modestas de vinho tinto uma grande protecção contra ataques cardíacos.

A expressão "paradoxo francês" é lançada pelos americanos que se interrogavam como é que os franceses do Norte, cometendo erros alimentares semelhantes aos dos alemães, ecoceses e americanos, fumando o mesmo e levando o mesmo estilo de vida, sofriam menos de doenças cardíacas só porque bebiam vinho tinto.

Quarta parte da verdade: Não se pode falar de álcool mas sim das bebidas alcoólicas que o fornecem porque todas são diferentes. Por exemplo: Enquanto o uísque é uma solução de álcool em água com aromas vindos do casco e da bebida fermentada de que foi destilado, vinho é solução e suspensão de mais de uma centena de substâncias, várias delas com efeitos nutricionais e farmacológicos.

Então? O que é que no vinho tinto pode ser protector cardiovascular? Pensa-se que o grosso do efeito provenha da abundância de polifenóis anti-oxidantes, ausentes das bebidas destiladas, que atingem dois gramas por litro no vinho tinto e apenas 0,25g no branco.

Um desses polifenóis, resveratrol, confere particular força neutralizadora contra radicais livres de oxigénio, ou seja, contra mecanismos que desenvolvem aterosclerose, cancros e envelhecimento.

Em consequência, recomenda-se às mulheres que bebam um copo de decilitro de vinho tinto ao almoço e ao jantar e aos homens, copo e meio.

No entanto, recorde-se que todas as bebidas alcoólicas são molestas para crianças e adolescentes com menos de 16 anos, para mulheres grávidas e aleitantes e para quem padeça de doenças incompatíveis com álcool. Como tudo o que se come e bebe, vinho tem a sua conta e o seu momento (só com estômago cheio).

Resveratrol e demais anti-oxidantes do vinho tinto também se encontram nas cascas das uvas pretas. E uma extensa gama de polifenóis activos encontra-se nos chás verde, oolong e preto.

Atenção: Alcoolismo e situação de bebedor excessivo conformam a questão sanitária mais grave em Portugal, hoje.

*médico endocrinologista